

## **A construção de um saber teatral na escola**

José Gustavo Sampaio Garcia – Zeca Sampaio  
Doutor em Educação - FEUSP  
Professor Licenciatura em Artes Visuais – Unisantia

Resumo: Uma reflexão sobre a necessidade e a possibilidade do desenvolvimento de uma experiência escolar na área de teatro, a partir da discussão de alguns princípios presentes hoje no debate pedagógico. Entre eles, a noção de conhecimento como construção de cada indivíduo enquanto sujeito de seu percurso formativo, juntamente com a importância da interação social para o surgimento de um aprendizado calcado na relação do educando com a herança cultural que lhe é transmitida pelo outro no ambiente escolar.

Palavras-chave: teatro, educação, artes cênicas, pedagogia do teatro

### **Introdução:**

O teatro já conquistou um espaço teórico e prático na educação e hoje não deve mais entrar no projeto escolar apenas como auxiliar didático de outras disciplinas, nem como adereço complementar das festas e comemorações. Para que isso seja assegurado de uma forma mais ampla, é preciso formular com clareza em que consiste a especificidade da linguagem teatral, que papel ela possui na cultura e a forma como as novas gerações de educandos podem se apropriar dela. Isto depende evidentemente de um entrosamento da concepção de educação que se persegue com a noção de teatro enquanto área específica do conhecimento.

Como pensar o teatro na escola dentro de uma perspectiva que vê a educação como uma oportunidade para que o educando assuma o papel de protagonista em seu percurso de aprendizado e de autoafirmação?

### **Um percurso de criação pessoal em teatro:**

A apreensão de um saber culturalmente assentado depende de se construir uma relação significativa com ele. O indivíduo deve reinterpretar esse saber a partir de sua própria experiência. “Esta elaboração implica aproximar-se de tal objeto ou conteúdo com a finalidade de apreendê-lo (...) a partir das experiências, interesses e conhecimentos prévios que, presumivelmente, possam dar conta da novidade”<sup>1</sup>.

Para que o educando possa construir um saber próprio em teatro é preciso que haja pontes entre a sua vivência pessoal prévia e aquilo que se pretende abordar enquanto

prática e teoria teatral. Qual a experiência cultural desse aluno em relação ao teatro? Essa pode ser uma questão complexa na atual conjuntura brasileira, já que boa parte da população adulta jamais assistiu a uma peça de teatro, sendo sua única referência para a arte dramática o que assiste na televisão, em novelas e filmes.

O professor enquanto representante da cultura teatral deve propiciar ao educando o acesso à história do teatro e à apreciação de espetáculos atuais. Nem sempre é tarefa fácil levar os alunos para assistir a apresentações e mais difícil ainda é trazê-las para a escola. Ainda assim, um esforço nesse sentido precisa ser feito para que o conhecimento teatral se torne parte integrante da experiência pessoal de cada aluno.

Por outro lado, o fazer teatral na escola permite que o educando se aproprie dos elementos constituintes da linguagem teatral e se aproxime da construção de uma trajetória criativa própria em teatro. Nesse processo, a ação do professor deve ter o sentido de uma mediação. A imposição pura e simples de métodos e sistemas alheios aos percursos pessoais e grupais dos educandos pode fazer do ensino de teatro apenas mais um pacote de conteúdos a serem decorados e repetidos para avaliação.

Na construção do saber teatral o educando precisa se tornar protagonista, encontrar uma relação pessoal com a linguagem cênica e partir para uma busca ativa de conteúdos e técnicas que lhe permitam desenvolver uma expressão dramática pessoal, relacionando-se com seu grupo e em um contexto social.

### **O teatro se constitui enquanto área do saber escolar:**

Embora a arte dramática já estivesse presente na escola há muitos séculos, foi apenas em meados do século XX que trabalhos como os de Alington<sup>2</sup>, Courtney<sup>3</sup> e Slade<sup>4</sup> surgem com propostas consistentes de sistematização do ensino de teatro no ambiente escolar. No Brasil a ação pioneira de Olga Reverbel<sup>5</sup> será a representante desse primeiro esforço organizador. Essas tentativas, ainda que ricas em práticas e resultados, centram seus esforços sobre o jogo dramático, evitando uma abordagem mais ampla do espetáculo teatral. Apenas no final da década de 1970, após a contribuição esparsa de alguns professores abnegados como Maria Alice Vergueiro, Ilo Krugli e Fanny Abramovich<sup>6</sup>, é que

---

<sup>1</sup> COLL, César e SOLÉ, Isabel In COLL, César et. All. O construtivismo na sala de aula. São Paulo: Ática, 2003, p. 20.

<sup>2</sup> ALINGTON, A. F. Drama and education. Oxford: Blackwell, 1961

<sup>3</sup> COURTNEY, Richard. Jogo, teatro e pensamento: As bases intelectuais do teatro na educação. São Paulo: Perspectiva, 1980.

<sup>4</sup> SLADE, Peter. O jogo dramático infantil. São Paulo: Summus, 1978.

<sup>5</sup> REVERBEL, Olga. Jogos teatrais na escola: atividades globais de expressão. São Paulo: Scipione, 1989. E REVERBEL, Olga. Teatro na sala de aula. Rio de Janeiro. J. Olympio, 1978.

<sup>6</sup> MARTINS, Fábio N. de M. Teatro-Educação, uma contribuição historiográfica. Dissertação (mestrado em educação) Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2004.

um grupo considerável de educadores teatrais sob a liderança de Ingrid D. Koudela<sup>7</sup> procura desenvolver uma metodologia mais coesa e que aborde especificamente a linguagem teatral.

As pesquisas desenvolvidas a partir dos jogos teatrais de Viola Spolin<sup>8</sup> se tornaram um modelo bastante investigado e empregado por professores de teatro na escola brasileira. Ao utilizar o princípio do “foco”, suscitaram a discussão sobre os elementos constituintes da linguagem teatral já que “diferentemente do *jogo dramático*, o *jogo teatral* é intencional e explicitamente dirigido para observadores, isto é, pressupõe a existência de uma ‘plateia’”<sup>9</sup>.

Ainda assim, há uma necessidade de ampliação de métodos e de práticas, já que, por mais que seja um sistema bastante eficaz e bem aceito pelos alunos, os jogos teatrais não resumem todas as possibilidades de acesso ao mundo do teatro. A riqueza e a diversidade das soluções teatrais demandam uma variedade de abordagens que precisa ainda ser mais bem explorada.

Uma quantidade imensa de exercícios e propostas surgidas originalmente em experiências fora do contexto escolar está acessível ao professor de teatro desde que ele se disponha a pensar as devidas adaptações para seus objetivos educacionais. Sente-se, no entanto, a necessidade de uma discussão mais aprofundada dos fundamentos da linguagem teatral que possa trazer luz ao professor no momento de escolher seus objetivos de aprendizado e seu procedimento em classe.

### **Esta coisa chamada teatro:**

O que é essa coisa chamada Teatro? A coisa chamada teatro, como a coisa chamada homem, são muitas, inumeráveis coisas diferentes entre si que nascem e morrem, que variam, que se transformam a ponto de, à primeira vista, uma forma não parecer nada com a outra<sup>10</sup>.

Muito tem sido debatido em relação ao jogo dramático, de seu caráter básico na vida humana<sup>11</sup>, de seu papel no desenvolvimento das crianças e de sua utilização para o surgimento de jogos teatrais propriamente ditos. A facilidade com que crianças participam desses jogos e a atração que eles exercem sobre pessoas de todas as idades, como atores ou como espectadores, até certo ponto drenaram as atenções do fazer teatral na escola, gerando muitos trabalhos sobre o tema.

<sup>7</sup> KOUDELA, Ingrid Dormien. Jogos teatrais. São Paulo: Perspectiva, 1984.

<sup>8</sup> SPOLIN, Viola. Improvisação para o teatro. Trad. Ingrid D. Koudela e Eduardo J. A. Amos. São Paulo: Perspectiva, 1992.

<sup>9</sup> JAPIASSU, Ricardo O. V. Metodologia do ensino de teatro. Campinas, SP: Papyrus, 2001, p. 25. Itálicos no original.

<sup>10</sup> ORTEGA Y GASSET, J. A ideia do teatro. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1991, p. 18.

<sup>11</sup> Vide HUIZINGA, Johan. *Homo ludens*. Trad. João Paulo Monteiro. São Paulo: Perspectiva, 1980.

Já, o ato de contar histórias foi menos debatido no contexto da pedagogia do teatro. Desde quando se reunia em torno de fogueiras nos primórdios da humanidade até hoje o homem sempre contou histórias. No ato de contar surge o elemento teatral quando o contador se dispõe a imitar personagens e situações e passa da simples fala para a ação. Do guerreiro que representa o andar do animal caçado à imitação do bêbado na piada de bar, uma gama imensa de ocasiões surge em que o contador de histórias magnetiza seu público ao encenar as situações narradas. Aí também nasce o teatro em uma de suas formas mais populares, a narrativa. A *contação* de histórias é um dos acessos à linguagem teatral mais presente na vida escolar e, por isso, mesmo precisa ser explorada teórica e praticamente de uma forma mais ampla e aprofundada.

Também o ritual é um dos componentes básicos do teatro, presente em seu nascimento grego nas festas a Dionísio, bem como nos cerimoniais de quase todas as culturas e tem sido frequentemente retomado por encenadores por meio da história. O potencial dramático dos rituais e sua presença na vida dos educandos exigem uma reflexão mais extensa a respeito de seu papel no surgimento do teatro e na função da expressão teatral.

O teatro educação deve examinar também os diversos aspectos constituintes da expressão teatral que podem ser investigados tanto do ponto de vista histórico, das soluções já propostas, quanto no sentido da criação de novas formas.

O trabalho do ator, entre os componentes da linguagem teatral talvez seja o item mais desenvolvido no ensino escolar. A coordenação de jogos de improvisação com os trabalhos de corpo e voz, além dos estudos de interpretação e criação de personagens, dá à arte do ator um campo de preocupações bastante rico, que tem sido bastante debatido em escritos dirigidos ou não para a educação.

O texto, a dramaturgia, a construção do roteiro de ações será outro tema que além de sua importante função no fazer teatral, possui um amplo potencial para integração com a área da linguagem, especialmente da leitura e escrita.

No campo do espaço cênico, os aspectos visuais compostos pela cenografia, luz, figurinos, maquiagem e coreografia de movimentos permitem explorar um universo amplamente variado de técnicas e perspectivas estéticas com possível integração com a área de artes visuais. Ao lado desses elementos encontra-se a questão dos sons. A sonoplastia, a trilha sonora e sonoridade da voz do ator em sua relação com a cena dramática abrem as portas para a investigação na área do som e da música.

A cena teatral ainda possui uma faceta ligada à confecção de cenários e figurinos e de soluções técnicas para a execução de cenas que sugerem um campo amplo de experimentação. Além deles, a produção teatral inclui um lado organizativo e burocrático a ser explorado.

Coordenando todos esses elementos a direção teatral lida com a concepção geral da expressão cênica e é um tema que precisa ser cultivado em maior ou menor grau por todos aqueles que participam do fazer teatral, já que está na essência do que significa criar arte no campo do teatro.

... o encenador é o gerador da unidade, da coesão interna e da dinâmica da realização cênica. É ele quem determina e mostra os laços que interligam cenários e personagens, objetos e discursos, luzes e gestos<sup>12</sup>.

### **Conclusão:**

Evidentemente que uma listagem de elementos como a feita aqui não esgota de forma nenhuma a discussão necessária para o desenvolvimento de uma perspectiva definida para o ensino de teatro na escola. Os itens levantados e apresentados sucintamente nesta reflexão têm por objetivo servir apenas como pontos de partida para novas investigações que ajudem o professor em seu caminho de construção de uma abordagem própria para o ensino de teatro.

Espera-se que o debate mais extenso dos elementos constituintes da linguagem teatral em uma perspectiva de construção social do conhecimento, aliada à luta por um espaço maior dentro da cultura escolar permitirá o desenvolvimento de uma pedagogia do teatro capaz de apoiar o professor em sua prática escolar.

---

<sup>12</sup> ROUBINE, Jean-Jacques. A linguagem da encenação teatral. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 41.